



RISCO PSICOSSOCIAL ASSOCIADO À CARGA DE TRABALHO DE UMA SUPERVISORA DE ENFERMAGEM.

Marcelo Lopes Campos¹ – marceloess@outlook.com – Universidade Federal de Itajubá

Amanda Martins de Almeida² – amandamartins25@unifei.edu.br – Universidade Federal de Itajubá

Resumo

O artigo de cunho descritivo-exploratório irá apresentar algumas regulações da função supervisora de enfermagem, observadas durante realização de uma análise ergonômica do trabalho (AET), associada à variabilidade desfalque de funcionário de sua equipe no Hospital Carlos Chagas, situado em Itabira - Minas Gerais. Este trabalho demonstrará e associará a elevada carga de trabalho da sua atividade com o risco psicossocial estresse gerado por essa variabilidade.

Palavras-chave: risco psicossocial, carga de trabalho, ergonomia, enfermagem.

Introdução

Este artigo procurará trabalhar com um campo de investigação exploratório, utilizando a Análise Ergonômica do Trabalho (AET) com o objetivo de compreender o estresse gerado na função do supervisor de enfermagem em um hospital no município de Itabira – Minas Gerais. É por meio dessa investigação que serão identificadas as divergentes funções desempenhadas pelo profissional analisado e procurados os elementos no meio que contribuam para o aumento da carga cognitiva.

Os Enfermeiros em geral vivenciam diversos fatores estressantes: relacionados aos fatores intrínsecos ao trabalho, às pressões vindas dos superiores, às relações individuais no trabalho, aos

papéis estressores e à estrutura organizacional.

Segundo Emílio (2011), a área de enfermagem é apontada como sendo uma das profissões onde se identifica o elevado nível de estresse dos profissionais, relacionando a sua responsabilidade em lidar cotidianamente com seres humanos buscando restabelecer a sua saúde, por meio de ações que lhes propiciem a melhoria de sua qualidade de vida.

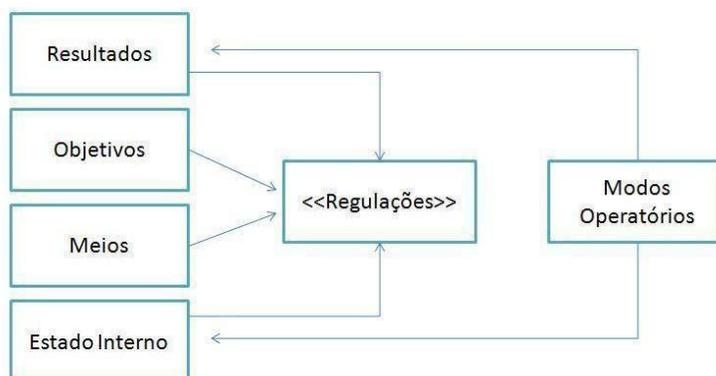
A enfermagem foi classificada pela *Health Education Authority*, como a quarta profissão mais estressante no setor público. São poucas as pesquisas que procuram investigar os problemas associados ao exercício da profissão do enfermeiro no Brasil. A história da enfermagem revela que desde sua implementação no Brasil ela é uma categoria marginalizada e assim, o enfermeiro vem tentando afirmar-se profissionalmente sem contar com apoio e compreensão de outros profissionais (STACCIARINI; TROCCOLI, 2001, p. 02).

Então, como a enfermagem pode trazer riscos psicossociais, foram identificadas as regulações que a mesma adota para gerir a variabilidade que causa sobrecarga e associar esse último aspecto ao potencial risco psicossocial.

Referencial Teórico

Toda situação de trabalho apresenta características definidas dentro dela (Figura 1): o modo operatório - os resultados de um compromisso que leva em conta os objetivos exigidos, que é o planejamento de ação, voltado para a realização dos resultados (GUÉRIN, 2001); os meios de trabalho - recursos utilizados pelo trabalhador para realização da atividade; os resultados produzidos; e o estado interno.

De acordo com Simões et al. (2012), regulação é um processo interno de reorientação da ação pelo estabelecimento de compromisso entre os objetivos traçados pela empresa, pela organização (os meios oferecidos para a concretização desses objetivos), pelos resultados alcançados (ou não) e pelo próprio estado interno. Esse último conceito é definido por Guérin (2001) como as propriedades gerais do organismo humano e as características intrínsecas



(biofísico e mental) do trabalhador.

Figura 1: Características de uma situação de trabalho (Guérin, 2001).

As regulações dos trabalhadores estão diretamente relacionadas às variabilidades que ocorrem em sua atividade. Essas variabilidades são definidas pela diferença entre a prescrição e a realidade, e pode ser compreendida considerando: as características do trabalhador, ressaltando a noção de variabilidade inter e intra individual, e a organização do trabalho, onde destaca-se a variabilidade dos equipamentos/materiais e dos procedimentos (ABRAHÃO, 2000).

Quando o trabalhador tem uma variedade maior de meios e um objetivo exigido flexível, possui uma margem de manobra maior e carga de trabalho menor, sendo o conceito de carga de trabalho definido por Guérin (2001) como a interpretação da compreensão da margem de manobra da qual dispõe um operador num dado momento para elaborar modos operatórios, tendo em vista atingir os objetivos exigidos, sem efeitos desfavoráveis sobre seu próprio estado.

O aumento da carga de trabalho se traduz por uma diminuição do número de modos operatórios possíveis. Isso resulta em uma menor possibilidade de reordenar as condições da própria execução e alterar o modo operatório para outro mais favorável ao bem-estar do operador, ou seja, resulta em uma menor margem de manobra (FLORES, 2003). Portanto, quanto maior a carga de trabalho a qual o operador está submetido, menor será sua margem de manobra.

Caso a carga de trabalho esteja elevada, os objetivos inalcançáveis e a margem de manobra baixa, ou inexistente, o trabalhador estará diante de uma situação de sobrecarga de trabalho, e risco psicossocial presente. Neste estudo, o risco psicossocial identificado foi o estresse, definido pelo dicionário *Aurélio* como um conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras, capazes de perturbar-lhe a homeostase.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de abordagem qualitativa, para analisar a percepção do estresse ocupacional, vivenciada pelo Enfermeiro Supervisor de um hospital que atua simultaneamente em diversos setores. Foram feitas 9 visitas à campo, no Hospital Carlos Chagas, situado em Itabira, Minas Gerais, de cerca de 2 horas cada, no período entre setembro e novembro de 2015, quando foram realizadas observações da atividade e entrevistas com uma supervisora de enfermagem, buscando identificar suas regulações, carga de trabalho e as funções desempenhadas por ela.

Para a coleta dos dados do estudo, utilizaram-se os seguintes instrumentos de pesquisa:

1. Observações de campo dos pesquisadores, procurando identificar os fatores invisíveis da atividade laboral.
2. Pesquisas bibliográficas que associam riscos psicossociais com a carga de trabalho no setor de enfermagem.

Resultados e Discussão

As visitas à campo revelaram que a supervisora de enfermagem desempenha várias funções, além da sua, quando há a variabilidade desfalque de um ou mais funcionários. Essa situação gera uma alta carga de trabalho na mesma, que deve gerenciar essas ausências de maneira eficiente. A enfermeira apresenta três tipos de regulações: para quando o desfalque é previsto, para quando não é previsto e para ambas.

Para uma situação de desfalque prevista, a supervisora consegue remanejar seus funcionários com antecedência ao ponto de conseguir realizar todas as funções à custo do estado interno de seus funcionários, porém com uma boa margem de manobra. Ela também solicita autorização à gerência para iniciar o trabalho uma hora e trinta minutos mais cedo do que o prescrito, para conseguir gerir sua equipe de modo mais fácil. Mesmo tendo condições de se adiantar, a situação demonstra ser estressante para a supervisora, que acaba por ser a principal chave para a realização das funções do trabalhador ausente.

Para uma situação de desfalque não prevista, a supervisora tenta atender a função do trabalhador com a ajuda de uma funcionária de sua equipe que esteja disponível no momento. Quando não há como atender a função desviada, por parte da supervisora e sua equipe, a mesma regula o atendimento para ser feito como prioridade os do Sistema Único de Saúde (SUS), e tenta remarcar os de convênio. A supervisora apresenta como regulação também o uso de um aplicativo de celular. Ela, em conjunto com sua equipe, gere as situações não previstas de um modo rápido ao utilizar mensagens pela internet para se organizarem. Esse método se mostra efetivo para que a carga de trabalho em cima da supervisora não aumente mais do que já está, durante essa situação. Porém, mesmo que ela atenda a função do funcionário em desfalque, a mesma deixa de realizar uma de suas tarefas- a qual realiza em sua residência- e isso gera um impacto estressante no seu dia-a-dia já que não deixa uma boa margem de manobra para a supervisora.

Já para ambos os casos de situações previstas e não, a enfermeira muitas vezes reduz o horário de almoço de uma hora para vinte minutos, com a finalidade de adiantar o trabalho, ou colocar em normalidade. Ela também utiliza outros funcionários para cobrirem tarefas mais simples do trabalhador ausente. Além disso a supervisora utiliza da experiência de uma funcionária que conhece todas as funções do setor para diminuir sua carga de trabalho, mas ainda possibilitando a realização das funções. Essa estratégia é indicada pela supervisora como um método muito efetivo para a gerência dessa variabilidade. Porém, mesmo a utilização de uma auxiliar para a realização das atividades ser uma boa regulação, ambas -supervisora e auxiliar- demonstram o cansaço e o estresse gerado nesses dias em que há desfalque. Isso ocorre pois a função da auxiliar é diferente do que ela realiza durante o auxílio. Então, o que ocorre é a divisão da função do trabalhador em desfalque, o que diminui a carga de trabalho imposto na supervisora, porém não o elimina.



Figura 2: Regulações frente a variabilidade de desfalque

Assim, é possível ver que independente da regulação, a margem de manobra varia, mas a carga de trabalho ainda continua elevada, e nas situações analisadas, vem acompanhada do risco psicossocial estresse, relatado diversas vezes durante a análise dessa atividade.

Considerações Finais

Ao final da aplicação do método ergonômico, foram propostas duas recomendações para a transformação do trabalho. Incentivar a polivalência, conhecimento obtido pelo operador para realizar outras funções além da sua, dos funcionários para que conheçam todos os postos de trabalho e sejam todos capazes de cobrirem qualquer função, é a primeira delas.

Também elaborou-se uma reestruturação de funções, remanejando uma auxiliar para uma função ‘coringa’. A função prescrita dessa seria ter conhecimento de todas as atividades dos setores. Ou seja, ela será encarregada a ajudar onde solicitada. Segue o modelo de abrangência da função da auxiliar ‘coringa’:

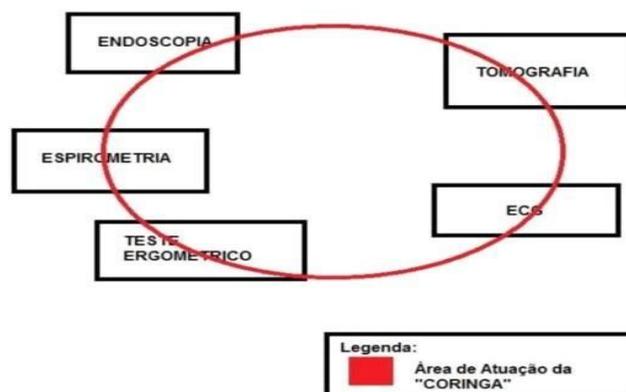


Figura 3: modelo de abrangência da função da auxiliar ‘coringa’.

O trabalho envolve vários aspectos da organização. Gerenciá-lo torna-se uma tarefa tácita e teórica durante a passagem de tempo. Na atividade da supervisora é possível observar que as técnicas de regulação tentam adaptar o prescrito à realidade, porém, a alta carga de trabalho pode levar à consequências negativas e influenciar a realização do trabalho. Muitas vezes então a associação entre a sobrecarga e os riscos psicossociais é de fácil identificação. Porém, o estado interno é prejudicado quando essa associação é confirmada, como no caso descrito nesse artigo. Assim, parte a necessidade dos envolvidos nesse trabalho agirem, para que, com a confirmação da existência de nexos entre fatores, ele seja entendido e transformado positivamente.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, Júlia Issy. **Reestruturação Produtiva e Variabilidade do Trabalho: Uma Abordagem da Ergonomia**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, p.49-54, maio 2000.

EMÍLIO, M. G; **O Estresse na equipe de enfermagem que atua no setor de emergência**. 2011. Disponível em <
<http://www.redentor.inf.br/arquivos/pos/publicacoes/31072012TCC%20Marilia%20Goncalves.pdf>>. Acesso em 30 de Setembro de 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio: Século XXI**. Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Mário César; FREIRE, Odaléa Novais. **Carga de trabalho e rotatividade na função de frentista**. Rev. adm. contemp., Curitiba , v. 5, n. 2, p. 175-200, Aug. 2001 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552001000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de Outubro de 2015.

FLORES, Claudemir Pedroso; CRUZ, Roberto Moraes. **A transformação do trabalho: uma questão metodológica**. Rev. Psicol., Organ. Trab., Florianópolis , v. 3, n. 1, jun. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 novembro de 2015.

GUÉRIN, F. et al.. **Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia**. São Paulo: Blucher, 2001.

SIMÕES, R.; DANIELLOU, F.; NASCIMENTO, A. From prescribed to real rotations: A means of collective protection for the health of workers in a soft drink factory. **Work**, 2012, 41 (Suppl. 1), 3136–3142.

SOUZA, Fernando Pimentel de. **O Estresse e as Doenças Psicossomáticas**. Revista de Psicofisiologia, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.1-2, maio 1997.

STACCIARINI, J.M.R.; TRÓCCOLI, B.T. **O estresse na atividade ocupacional do enfermeiro**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 9, n. 2, Ribeirão Preto, Mar/Abr. 2001. ISSN 0104-1169. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 de nov. 2015.